

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 12000 Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 12000 Numero avulso..... 3000	N.ºs 32 E 33	Toda a correspondencia deve ser dirigida a Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA DE 1888

### III

Continuemos. Haviamos escripto no artigo anterior que não devemos nem preoccupar-nos, nem envergonhar-nos com a figura porventura pouco distincta que possamos vir a fazer n'um ou n'outro artigo exposto, e é conveniente que se insista n'este ponto.

Uma exposição nacional sendo, como é, o balanço das forças productivas e dos recursos intellectuaes de um povo, deve, para se mostrar conscienciosa, representar sinceramente o estado verdadeiro d'essas forças e d'esses recursos, e apresentar ao lado dos objectos produzidos em condições anormaes de trabalho, quando se deseja attingar uma certa perfeição no acabamento, ou mostrar o progresso e a nitidez com que, em dadas condições, muitos d'elles podem ser feitos — aquelles que geralmente e diariamente são lançados para o mercado, a fim de que publico e criticos possam ajuzar com segurança da situação real de uma industria ou de um ramo qualquer de trabalho.

Expôr uma cousa e produzir ou manufacturar habitualmente outra, não será nem serio, nem digno, nem fructifero.

Esta é, portanto, uma irregularidade que se deve ter muito a peito evitar, no interesse da nação em geral, e no dos proprios expositores, que podem a final ser as primeiras victimas do seu erroneo modo de ver.

E dito isto, permittam-nos que continuemos lembrando alguns outros artigos que desejáramos e desejaremos ver figurar na exposição.

Apontaremos em primeiro logar as nossas industrias de pesca, incluindo modelos ou exemplares dos barcos, redes, apparatus, trajos e usos d'essa caracteristica, pittoresca e tradicional população do nosso litoral maritimo, tão interessante e tão rico, e que em toda a parte despertaria a attenção de quantos se interessam por este lado sympathico da individualidade de um povo.

Acresce que se ha cousa em que nós sejamos realmente grandes é em tudo quanto diz respeito ao mar.

Foi o mar o edificador da nossa nacionalidade, foi o mar, que, embalando mansante as quilhas dos nossos navios, nos tentou a essas viagens aventurosas, de onde haveriamos de voltar com metade da terra descoberta, com o nosso nome engrandecido, e com as bases historicas e sociaes de uma nação livre. Foi emfim o mar quem, por assim dizer, lançou os lineamentos e deu a alma a essa immortal maravilha poetica que se chama *Os Lusíadas*; foi elle quem nos deu a todos, e a todas as manifestações do nosso espirito esse vago encanto sonhador e tocante, esse ideal sentimento religioso e nostalgico, que a nossa portugueza palavra *saudade* tão bem synthetisa e define, e que perfuma, com uma graça commovedora e terna, com um aroma inebriante e doce, todas as creações da nossa intelligencia, todas as galhardias do nosso heroismo...

O mar nos fez grandes, e, como Anteu, que quando tocava a terra, sua mãe, se sentia mais forte, nós, sempre que a elle confiámos os nossos destinos e entregámos a propria existencia, sempre que emfim o tocámos, tambem como Anteu, readquirimos forças e ganhámos energia...

Por isso uma larga exposição de tudo quanto por qualquer lado possa ligar se com a vida maritima d'esta praia, que Camões cantou, alem de ter o seu logar de honra no concurso da Avenida, não pôde deixar de fazer vibrar ainda em pulsações de entusiasmo e em fremitos de alegria a melancolica alma scismadora d'este povo de embarcações e de marinheiros...

Quanto á secção de pintura, ouvimos que ha idéa de expor trabalhos realisados desde o começo d'este seculo.

Se nos permittem, porém, um reparo, diremos que não nos parece ser essa a indole do certamen que se projecta. A nosso ver, só lá devem figurar trabalhos d'estes ultimos vinte annos, e uma exposição retrospectiva de pintura e de escultura portugueza desde 1800, afigura-se-nos que teria mais rasão de ser feita separadamente em occasião adequada, havendo mesmo toda a vantagem que realmente se fizesse, mas em setembro ou outubro, por exemplo.

Com isso quer-nos parecer que todos ganhariam, sobretudo o publico, a quem podia proporcionar-se o prazer de admirar mais uma exposição, tirando

ao mesmo tempo maior ensinamento d'ella, e podendo concentrar melhor as suas faculdades de observação e de estudo.

A idéa até das exposições retrospectivas especiaes, é, quanto a nós, merecedora da attenção dos que sinceramente amam ainda esta velha patria estremecida que dá na historia pelo nome de Portugal, e seria muito para tentar a iniciativa e a boa vontade de alguns espiritos, desde que houvesse — como esperámos que haverá mais cedo ou mais tarde, — uma casa, um palacio proprio para certamens de tal ordem.

Voltando, porém, á exposição, tambem n'ella queríamos ver figurar alguns espécimens das nossas industrias caseiras, bem entendido, das que ainda subsistem com elementos de vida; e finalmente, gostaríamos de ver alguma industria nova e essencialmente portugueza, que nos provasse, que depois de tantos annos de desorganisação profissional e de anarchia politica, ainda se não atrophiam completamente em nós as faculdades inventivas, e que apenas terião adormecido, por não terem encontrado quem as despertasse.

Taxar-nos hão de exigentes ou de utopicos os homens praticos, que de ordinario influem na opinião e determinam o movimento e a corrente do pensar geral; mas relevem-nos que de uma e outra falta nos não arrependamos, e que nos orgulhemos até que assim nos acóimem.

Felizmente, ou por deficiencia de espirito, ou por feitto pessoal, temos ainda muitas illusões na alma, e se, — ai de nós! — tambem apezar de novos, algumas perdemos já, outras têm afflorado luminosas e risonhas, ás vezes no mais algido momento da nossa descrença, e é por isso que se conservávamos ainda muita saudade pelas que nos morreram ou nos arrancaram, nos fica todavia bastante amor pelas que vem surgindo, e que nos mostram este querido Portugal que tanto amámos, florescente e pródigo ainda no futuro, e trabalhador e esforçado no presente. . .

Será mais uma? Póde ser; mas, apezar de tudo, é tão confortante e tão bom ter fé n'alguma cousa, mesmo que seja um minuto! . . .

AFONSO VARGAS.

### UM TRECHO DE RAMALHO ORTIGÃO

As paginas que em seguida damos são das mais bellas, das mais finas, das mais profundas que Ramalho Ortigão tem escripto.

Saídas nas *Farpas* de 1877, por occasião de uma peregrinação ao fallecido Papa Pio IX, essa estranha, essa grandiosa figura que, quaesquer que sejam as correntes da opinião contemporanea, se impunha e se impõe ainda á veneração e ao respeito de todas as consciencias, mesmo ás que porventura não communquem no ideal catholico, ellas tomam agora uma nova actualidade, — admittida por um momento a infundada suspeita de que houvessem envelhecido, — com a peregrinação ao pontifice que succedeu áquelle, e cuja individualidade, talvez não tão eminente como a do ultimo papa-rei, por mais transigente e diplomata, é todavia bastante elevada ainda para que a

vejam bem, até aquelles que não reconheçam n'elle o chefe supremo da sua crença, mas simplesmente uma grande e flexuosa intelligencia, posta ao serviço de uma grande idéa, tão grande que ainda hoje enche e agita o mundo.

E agora uma explicação:

N'estas palavras que aqui ficam julgámos ter provado que a transcrição que hoje fazemos do antigo texto das *Farpas*, e para a qual antecipadamente pedimos venia ao eminente escriptor, nosso mestre e amigo, não significa de modo algum menos respeito pelo acto de milhares de fieis indo saudar o seu chefe espiritual, mas simplesmente um vivo desejo de archivar nas columnas da *Imprensa* essa verdadeira perola do moderno estylo portuguez, tão scintillante e tão vivo, quando aquelles que o manejam usam nomes como este que ha muito todos nós amámos e applaudimos.

Resta-nos apenas agradecer ao grande escriptor a gentil e delicada amabilidade com que accedeu ao nosso pedido.

### CARTA A PIO IX

Santissimo Padre:

Ha hoje quinhentos e setenta e sete annos que o primeiro jubileu da igreja catholica apostolica romana foi celebrado por um dos predecessores de Vossa Santidade, o papa Bonifacio VIII.

Esta solemnidade não tinha por fim, como o anno jubilario do Mosaismo, dar a liberdade aos escravos, fazer reverter os bens territoriaes aos seus primitivos possuidores, tornar o homem insolvel de cincoenta em cincoenta annos, e ao cabo de cada um d'esses prazos reconstituir a familia nos seus primitivos direitos, operando periodicamente aquillo que hoje chamaríamos a *liquidação social*, e a que o *Pentateucho* chamava simplesmente a — *santificação do quinquagesimo anno*.

O papa Bonifacio, antigo rabula (*quia primo advocatus*), preocupava-se pouco com as interpretações do direito; prometendo a remissão dos peccados a todos os que viessem a Roma visitar, durante trinta dias, as igrejas dos apóstolos, o seu fim unico era realizar um dos seus sonhos de decrepito allucinado: inaugurar o seculo xiv com uma solemnidade unica na historia — a reunião em Roma do genero humano prostrado aos seus pés, como perante o Deus vingador no dia do juizo final, no valle de Josaphat.

Nesse tempo, Santissimo Padre, ainda no mundo existia a fé. O numero dos peregrinos que vieram a Roma foi tão grande, que chegaram a contar cem mil. Por fim não poderam ser arrolados. Cresciam monstruosamente como esses formigueiros da America do sul, que n'um mez minam os alicerces de um predio e altem uma torre. Eram insufficientes para albergar-os as casas dos moradores, os hospicios, as ermidas, as igrejas. Acampavam nas ruas e nos campos suburbanos. A escassez dos alimentos e a *malaria* produziam uma infinidade de doencas. Houve uma fome e quasi uma peste. A mortalidade era enorme. Uns não regressavam mais. Outros não conseguiam chegar ao termo da romagem, e extenuados de fadiga e de fraqueza, com os pés em sangue, morriam saudando de longe a sagrada collina.

Comquanto o poder papal entrasse já então na phase de declinação que até os nossos dias devia progressivamente arastal-o ao occaso, Bonifacio suppunha-se ainda o senhor e o arbitro do mundo. Por occasião da morte de Alberto de Austria, tendo-se feito acclamar imperador Adolpho de Nassau, o papa Bonifacio tinha posto a corôa na cabeça, tinha brandido uma espada, e do alto do monte Aventino havia bradado: «Eu é que sou o Cesar! Eu é que sou o imperador!»

Era elle ainda que na bulla *auscultat filii* tinha escripto estas palavras supremas: «Deus collocou-nos, apesar de indigno, acima dos reis e acima dos reinos, impondo-nos o jugo da servidão apostolica para arrancar, destruir, dispersar, dissipar, e para edificar e plantar em seu nome e segundo a sua doutrina».

No dia do jubileu, para celebrar a cerimonia de bater com o malhete de prata e de desmoronar o muro com que se veda

para esse fim uma das portas de S. Pedro, o papa appareceu á multidão prostrada, e atravessou pelo meio d'ella, vestindo as insignias imperiaes, levando adiante de si a espada e o sceptro sobre o globo do mundo, symbolo da monarchia universal, enquanto um arauto proclamava: «Aqui vão duas espadas. Pedro, eis o teu successor. Christo, eis o teu vigario».

Os peregrinos que haviam conseguido visitar os tumulos dos apóstolos, cujas columnas são feitas com o bronze subtrahido da abobada do Pantheon, os que haviam chegado a receber com a benção apostolica a absolvição das suas culpas, regressavam á familia encanecidos, alquebrados, assombrados para o resto dos seus dias, como os tocados de raio, pelos aspectos colossais da tragica Roma, pela historia do seu passado, semi-vivo ainda nos monumentos destroncados da idade republicana e da idade imperial, pelas visões portentosas de um mundo extinto que lhes haviam apparecido como tremendos phantasmas, na arcaria dos aqueductos truncada a espacos como os élos partidos de um enorme grilhões estendido na vasta campina; nos banhos de Caracalla; nas dispersas columnas corinthias; nos obeliscos egypcios; no capitolio convertido em *Collina das cabras*; no *Forum* transformado em *Campo das vacas*; no coliseu, finalmente, com as suas tres ordens de columnas doricas, jonicas e corinthias, monumento colossal, em que trabalharam doze mil captivos, em que cabiam cem mil espectadores e em que não ha uma pedra que não corresponda a uma golfada de sangue de um gladiador ou de um martyr.

Os peregrinos regressados n'um vago estado de sonambulismo, como aluados, haviam, porém, levado do jubileu uma consoladora lição: haviam desaprendido de viver, mas tinham-lhes ensinado a morrer tranquilos na esperança doce e firme da beneaventurança prometida. O que era, porém, o mundo, Santissimo Padre, n'esses tempos remotos e sombrios em que os homens eram isto?

Em Paris e em Londres as casas eram feitas de madeira ou de lama endurecida, com tectos de camias. As ruas eram montões de immundicia em fermentação miasmatica. O uso de banhos tinha desaparecido. A amante de Petrarca tinha uma unica camisia. O poderoso arcebispo de Cantorbéry e outros altos ecclesiasticos tinham piolhos. Os burguezes vestiam-se de couros mal curtidos, e de um cheiro infecto. Os pobres cobriam-se de palha. Em muitos pontos das Ilhas Britannicas, conta um papa do nome augusto de vossa santidade, Pio II, que não se conhecia a existencia do pão. Os trabalhadores dos campos comiam herva e cascas de arvores. E era já o seculo xv! No seculo xi, por occasião de uma fome, vendeu-se e comeu-se cozida carne humana. A medicina tinha passado de moda, desprestigiada pelos padres. Tinham-a substituído as penitencias, as promessas aos santos e as viagens ás ermidas. As reliquias faziam as vezes de pharmacies. As pestes fugentavam-se, não com medidas sanitarias, mas com preces. Para curar os males da humanidade, conta Draper que varias abbadias possuíam a corça de espinhos do Salvador; onze igrejas conservavam a lança que trespassou o sacratissimo lado; nas guerras santas os templarios vendiam como panacea universal garrafinhas de leite da Virgem Maria; em um mosteiro de Jerusalem guardava-se n'um relicario um dedão — do Espirito Santo. A chuva e o bom tempo determinavam-se com orações. Era igualmente com orações que se combatiam os eclipses e as trovoadas. O cometa de Halley foi exorcismado e enxotado do céu pelo papa Calixto III, que o amaldiçoou em nome de Deus.

Nesse estado das cousas e nesse estado dos espiritos um serviço enorme foi inconscientemente prestado pelo papado á civilisação e á humanidade. Das peregrinações á Roma pontificia saíram as duas maiores revoluções do mundo moral: do jubileu do principio do seculo xiv saiu Dante com a *Divina Comedia* e a reconstituição do direito pelo sentimento; do jubileu do seculo xvi saiu Lutero com a *Reforma* e com a liberdade do pensamento humano. *Alea jacta erat!*

Desde então até hoje, Santissimo Padre, que serie enorme de revoluções successivas e inercutas, determinadas pelo livre espirito do homem, cortando lentamente a corrente tenebrosa das perseguições, boiando sempre progressiva e sempre victoriosa sobre o oceano de sangue e de pus com que a superstitiosa ecclesiastica e o auctoritarismo monarchico procuram debalde afogar o advento da nova era! Os reis oppõem os seus exercitos; a igreja oppõe as suas excommunhões; o seu inferno, em que ha o ranger dos dentes por todos os se-

culos dos seculos sem fim; os seus carcerees em que a lepra corroe até á medula os ossos dos condemnados; os seus tormentos, em que ha o fogo lento, a grelha, o forno rubro, o borzeguim que se descalça levando consigo, palpitantes, todos os musculos e todos os nervos das pernas, a pua que fura as unhas e o torno que esmaga os ossos do cranéo e faz reventar o cerebro como um abcesso espremdo.

E tudo é em vão! A sciencia intemerata prosegue, inerme e candida, sem haver feito uma unica victima, sem uma só gota de sangue derramado, sem uma só lagrima vertida! E diante da branca visão benigna que se aproxima, o dogma espavorido recua mais profundamente fulminado por um simples raciocinio humano do que nunca o foi a mais fraca das almas diante da colera implacavel e infinita dos deuses immortaes.

Tudo quanto através de toda a historia moderna a auctoridade tem procurado conservar pela força se tem fatalmente destruido pelo tempo. O que a auctoridade e a força têm conseguido é unicamente atrazar o movimento intellectual, determinando os longos periodos estacionarios da humanidade. Pelo contrario tudo quanto a sciencia iniciou se transmitiu de idade em idade, se desenvolveu, se relacionou, se perpetuou. Nem uma unica semente lançada á terra pelo trabalho e pelo estudo deixou ainda de vingar e de fructificar em resultados decisivos de tolerancia, de paz, de liberdade e de justiça.

Na astronomia, na physica e na chimica, na geologia, na meteorologia, na zoologia, na medicina, na philologia quantos descobrimientos novos! E cada novo descobrimento é uma conquista nos dominios da Igreja, dominios que ella successivamente cede na mesma proporção em que a sciencia caminha.

E um novo diluvio aquelle de que a historia do pensamento humano nos offerece a imagem caudalosa e tremenda. A inundação espraia-se no vasto campo da theologia, e vemos ao longe, fugindo desgrenhadas, as ultimas superstições, medonhas como os grandes monstros pre-historicos que vão ser tragados pela vaga.

Cansada de combater, a theologia finalmente rende-se. Tendo perseguido Galileu, Giordano Bruno, Savonarola, Averroes, Lutero, tendo combatido todos os iniciadores de um novo systema do universo ou de uma nova comprehensão dos destinos do homem, a Igreja vê apparecer Darwin, e nem sequer tenta lutar!

O transformismo, revelado por Lamark, supitado um momento na academia franceza sob a auctoridade funesta de Cuvier, é finalmente definido e promulgado, e todo o immenso edificio theologico da creação do mundo e do homem cede aliado pela lei da adaptação e da selecção natural na lucta pela existencia.

As grandes revoluções nas sciencias physicas e naturaes succederam-se modificações equivalentes nas theorias e nas praxes da vida social, na economia, na administração, na politica, no sentimento, na critica, na poesia, na arte, na moral e na propria religião.

Da philosophia zoologica de Darwin sae um Deus, como religião alguma tinha até hoje tido o poder de concebê-lo, o unico Deus compativel com a noção da sabedoria infinita. Segundo os systemas da creação anteriores ao transformismo, e adoptados pela Igreja, Deus era o autor de um universo que elle successivamente revia e emendava, depois de cada um dos cataclismos que passavam por cima da sua obra, como passa uma esponja sobre uma operação incorrecta. Segundo a theoria darwiniana, experimentalmente demonstrada e contraprovada pelos mais sabios analysadores, Deus não revê, Deus não corrige. Deus não se emenda, Deus não se aperfeiçoa, sendo assim perfectivo e, portanto, imperfeito, como fatalmente deveriamos admitir que o era accetando a doutrina do Genesis e a critica paleontologica de Cuvier e de todos os adversarios de Lamark, de Goethe, de Darwin e de Haeckel.

As especies extintas não foram cortadas pelo Creator no livro da terra, como por meio de um signal posto á margem na prova de uma segunda edição.

Os órgãos rudimentares dos animaes, os orgãos que não têm função, deixaram de ser excrecencias de estylo inadveritadas pelo autor ou empregadas por elle com um intuito de ornato rhetorico. Se o homem, por exemplo, tem em estado rudimentar e na atropia de uma inercia de milhares de seculos, uma cauda indicada pelas suas vertebbras falsas, se tem millas sem amamentar, se tem utero sem conceber, se tem um segundo estomago sem ruminar, escusamos já hoje de expli-

car estes factos por um descuido indolente ou por uma emphase premeditada na confecção do nosso organismo. A evolução genealogica de todos os seres e a sua procedencia de um tronco ancestral commum, descoberta e provada pela lei de Darwin, basta para nos explicar cabalmente todas as apparencias anomalias da creação sem quebra da infallibilidade suprema.

Assim, o Deus revelado ao mundo pelos modernos philosophos theistas é o unico Deus omnipotentemente sabio, o unico Deus verdadeiramente divino, porque não procede na obra da creação por emendas, revisões successivas, reedições augmentadas e correctas, como o Deus theologico. Elle cria a vida no atomo primitivo vogando na immensidade, deixa cair a cellula primordial nas profundidades fecundas do Mar Tenebroso, e ordena-lhe que se desenvolva dentro de uma lei prefixa. Depois do que não só não descansa, não só não revê, não só não modifica, mas nem sequer espera, porque infinito Elle mesmo, e preenchendo o infinito no espaço e o infinito no tempo, possui em si proprio, completa, a infinita evolução.

Surge finalmente invencivel na sociedade contemporanea um novo poder temporal, o poder da industria, e um novo poder espirital — o poder da consciencia na comprehensão da solidariedade humana.

Vae pois longe, decorrida ha muitos annos a idade ingenua em que o genero humano acreditava na virtude das peregrinações aos santos logares!

Compare vossa santidade a primeira e a segunda cruzada com esta que nós outros, portadores do album em que escrevemos estas linhas, acabámos de emprender e de levar a cabo em comboio de recreio de ida e volta, a preços reduzidos, guiados pelo padre Conceição Vieira, um sacrista, e pelo Pedro de Alcantara, um grotesco! E estes dois sujeitos são quanto podemos obter como successores de Pedro Eremita e de Godofredo de Bulhões.

Somos noventa e nove, de um paiz de quatro milhões de habitantes, o menos instruido de todo o orb christão, aquelle em que por mais tempo vigorou, com detrimento do nosso senso commum e um pouco tambem da nossa pelle o despotismo da inquisição e do direito divino. Isto ainda assim não obsta, porém, a que deixassemos na patria tres milhões novecentos mil novecentos e um individuos que não quizeram vir, perdendo assim a indulgencia plenaria e deixando de resgatar as suas almas das penas eternas a troco da modica quantia de dezesses libras, ida e volta, em segunda classe!

Porque elles entendem — principalmente depois que o fogo do santo officio deixou de afervoral-os — que não é facil despir os peccados como se despe um collete de flanela, descalçar a culpa como se descalçam as chinellas de trazer no quarto, e pendurar a responsabilidade como se pendura a robe de chambre para envergar a toilette redemptora de uma viagem a Roma.

Parece-lhes que o Diabo não é tão tolo como alguém o presume, e que, se elle tiver, por exemplo, a idea de filar o padre Conceição Vieira ou o padre Marnoco para os referver no caldeirão destinado á classe ecclesiastica apanhada em peccado, não será porque os mesmos Conceição e Marnoco lhe digam que estão avelando a chapelaria para ir buscar as indulgencias a Roma, que o diabo cruzará os braços e deixará escapar-lhe sob essa evasiva, aliás engenhosa, uma tão interessante presa.

\* Estão profundamente convencidos — os herejes! — de que, acima da autoridade dos pontifices, que têm o poder de resgatar as culpas e de franquear a entrada no reino dos céus, está um outro poder mais alto — o poder da incorruptivel consciencia, segundo o qual não é pelas romagens divertidas, nem pelas orações automaticas, nem pelas estereis penitencias, mas sim pela simples pratica do dever, austero e inilludivel, que cada um se afirma como verdadeiro justo.

Acham ridiculo um céu em que tenha de sentar-se, glorioso e triumphal, a mão direita do Deus da Justiça, um padre Marnoco — simplesmente porque obtive as indulgencias no jubileu pontificio, enquanto á mão esquerda fique arrendo nos tormentos eternos um Lincoln, que pacificou a America, que deu a paz a tres milhões de negros, e que, depois de uma vida toda consagrada á justiça e á abnegação, entrou finalmente na eternidade pela porta do martyrio, coberto com a benção da humanidade e com a benção da historia, mas sem a benção dos papas.

Santissimo Padre! estas convicções profundas d'aquelles que não vieram a este jubileu, não podemos deixar de vos

dizer n'este album, — como seriamos forçados a dizer-vol-o, se estivessemos aos vossos pés n'uma confissão geral, humildes e contrictos, batendo nos peitos, — estas convicções dos que não vieram só tambem no intimo das nossas almas as convicções de todos os que nos achámos aqui, quer chegados das occidentaes praias lusitanas, quer procedentes de qualquer outra região do globo.

E a evidente prova de que a nossa fé está irremissivelmente apagada e precisa de se reconstituir em novas bases, é que, no tempo em que o papa era o imperador e o Cesar, no tempo em que elle brandia uma espada de justiça e de guerra, meio milhão de homens rojados aos seus pés estariam promptos a recommear as guerras santas ao seu minimo aceno.

Hoje vós proclamais que sois captivo, que sois ultrajado, espoliado, perseguido, e entre todos os que vos trazem offer-tas não ha um só que seja capaz de derramar o seu sangue para vos restituir a liberdade que dizeis perdida e o poder que dizeis violado! Beijámos devotamente o vosso pé sacrosanto; depois do quê, em vez de enristarmos uma lança, vimos para a rua com as mãos nos bolsos e um charuto nos beiços vir desfilar em pelotões marciais os esveltos bersaglieri da Italia unificada.

Debalde nos dizeis que «os pedreiros livres atacam a religião e chamam os catholicos a combater». Os pedreiros livres são bem lastimaveis se não têm mais nada que fazer do que chamar-nos ao combate! A verdade não se alimenta com sangue, alimenta-se com principios, e não necessita de victimas, necessita unicamente de razões: é precisamente n'isso que ella se distingue do erro e da mentira.

Se os pedreiros livres querem por força combater, a resposta mais sensata ao seu convite aos catholicos é mandar-lhes um medico que os sangre e lhes prescreva os debilitantes. Que os senhores pedreiros tenham a bondade, antes de nos reptar ao combate, de experimentar a dieta!

Enquanto á guerra, não! Oh! não! Esse é um privilegio dos reis. Hoje só os reis, e algum tanto tambem os diplomatas, é que fazem as guerras. Por uma razão muito simples: é que só elles as podem fazer por um modo exclusivamente verbal, — mandando partir os seus exercitos.

Quando os exercitos se lembrarem de mandar partir adiante os reis e os diplomaticos, teremos então firmada para todo o sempre a paz geral.

Concluindo pois, Santissimo Padre, dignae-vos de lançar-nos a vossa benção e de nos permitir que a transmitamos a todos os nossos concidadiãos, que saberão devidamente prezal-a, sendo enviada por quem é, como vós, um ancão veneravel, cuja longa vida é para todos os que trabalham e para todos os que soffrem um nobre exemplo de constancia nos principios, de firmeza na lucha e de resignação na derrota.

RAMALHO ORTIGÃO.

## LAURENS JANSZON COSTER

### E A ORIGEM DA TYPOGRAPHIA

#### I

A cerca de 17 kilometros a oeste de Amsterdam, e nas margens do rio Sparen, está edificada a antiga cidade de Haarlem, cuja fundação é tão remota que se perde na penumbra dos seculos. Esta bonita cidade foi em tempo cercada de muralhas que a tornavam quasi inexpugnavel, como bem o demonstrou no cerco que em 1572 sustentou tenazmente contra os hespanhoes, commandados pelo duque d'Alba, e ao qual só se rendeu depois de sete mezes de porfiados combates e rigoroso assedio; e ainda assim, apesar dos extremos apuros a que a cidade se achava reduzida, só se entregou por meio de uma capitulação, na qual eram garantidas as vidas dos seus heroicos defensores, capitulação que

o duque d'Alba indignamente violou, mandando assassinar mais de metade dos seus habitantes.

Actualmente a cidade não possui o aspecto belicoso de outr'ora. As velhas muralhas e antigas ameias foram destruídas, o solo foi nivelado, e o local, em que n'outras eras se erguiam altaneiras as fortificações, está hoje transformado em deliciosos jardins, que, circumvallando a cidade, lhe dão a apparencia de um *bouquet* colossal de aspecto agradabilissimo.

Haarlem, ao contrario das velhas cidades flamengas, que em geral se resentem da falta de symetria nos seus edificios e de regularidade e amplidão nas suas praças e arruamentos, possui largas ruas, plantadas de arvoredo, e é sulcada de canaes, sobre os quaes se passa em numerosas e elegantes pontes. Os seus edificios mais notaveis são o Prinzenhof, onde têm logar as sessões dos estados da Hollanda, a casa do senado, o museu, a igreja de S. Bavon, e alguns outros.

N'uma das suas principaes praças eleva-se um singelo monumento de bronze, destinado a perpetuar a memoria de um homem, a quem os hollandezes attribuem a invenção da typographia. Esse homem é Lourenço Coster, ou antes Laurens Janszoon Coster.

## II

A arte de imprimir não é uma invenção propriamente europeia, nem como tal deve ser considerada. Todos sabem que no extremo oriente, na Tartaria, na China e no Japão, o systema de imprimir por meio de caractéres data de tempos immemoriaes. Testemunhos insuspeitos affirmam que os chinezes possuíam já imprensas nos principios do seculo III, e que se serviam de caractéres moveis no seculo X.

O celebre Montaigne dizia: «Nous nous écrions du miracle de notre impression; d'autres hommes, en autre bout du monde, en la Chine, en jouissaient mille ans auparavant».

Mas, reportando nos exclusivamente á apparição da typographia na Europa, que é o assumpto que nos preoccupa, perguntaremos:— Foi Gutenberg com effeito o inventor da sublime arte de imprimir? Foi Moguncia, como se afirma, o berço da typographia? Com que direito se arrogam então os hollandezes a reivindicar para um dos seus compatriotas a prioridade da invenção, e a fixar em Haarlem o local em que na Europa primeiro se imprimiu?

Eis o que nos parece difficil de responder de maneira authentica e incontroversa.

Acostumados a venerar em Gutenberg o auctor da maravilhosa invenção, é para nós devéras penoso vermo nos constangidos, em homenagem á verdade, a abalar lhe o glorioso pedestal que numerosos e fidedignos historiadores lhe erigiram; e sentimo-nos hesitantes, como se estivessemos prestes a commetter uma profanação, ao expormos ao exame dos que se interessam em assumptos typographicos as duvidas que se levantam em nosso espirito, ácerca da origem da imprensa e do seu verdadeiro inventor.

PEDRO FREITAS.

(Continúa).

## CHRONICA MUSICAL

Abril de 1888.

Concertos, *matinées*, estreias, de tudo temos para esta chronica, leitora amiga, e de tudo procuraremos fallar n'estas linhas que te são especialmente dedicadas.

Agora não poderemos encostar-nos ao conhecido bordão da falta de assumpto, porque elle chegava até para duas chronicas, quanto mais para uma.

Principiemos pois. Temos em primeiro logar o concerto da academia de amadores de musica, em beneficio das victimas do Baquet.

Quando entravamos, Colaço já tocar o concerto de Mendelssohn. Escusámos dizer como elle foi executado pelo nosso glorioso compatriota e amigo. Que sciencia de execução! Que minucia de acabamento! Que nitidez de contornos! Com franqueza, depois da sua ultima estada em Berlim, não nos parece que elle houvesse adquirido, nem maior colorido, nem melhor expressão, nem mais individualidade; mas adquiriu talvez mais perfeição de detalhes, maior copia de effeitos musicaes, e os trechos que executa são deliciosas obras primas de facetamento e de finura; eis porque, não sendo porventura mais artista, é seguramente mais *concertista*, isto é, mais sereno, mais senhor de si e do publico, mais mestre dos effeitos do instrumento, que nas suas mãos se transfigura, e passa de ser esse monstro negro, fanhoso e massudo, quando não é horripilante, com o qual, ai de nós! todos mais ou menos temos tido de travar conhecimento, para se transformar n'uma fina amphora de crystal e ebano, d'onde se evolvam para o azul com os mais doces e subteis perfumes as mais bellas e inspiradas irisações da arte...

E notem, que quem não ouviu Rey Colaço na intimidade, ainda não pôde aquilatar bem todo o seu extraordinario valor!

Elle já adquiriu, é certo, as qualidades que acima registámos, mas, como um fino organismo nervoso e vibratil que é, qualquer pequenino nada o retrah e emociona, pondo-o ás vezes n'um estado de excitação, que só quem conhece o que são estes espiritos artistas pôde bem comprehender.

Na intimidade, não: aquelles que assim o ouvem, e que são sempre, ou os seus amigos, ou algum musico, ou ainda algum pobre diabo de admirador que se senta tímida e religiosamente a um canto a ouvir-o: ahi, como elle se sente em presença do seu publico, ahi é que é ver e admirar os prodigios de sciencia e de arte, que as suas mãos privilegiadas vão arrancando ao mundo ideal da harmonia!...

Ouvimos-lhe n'estas condições a celebre *tocata* de Schumann, que é na Allemanha a peça de exame para os pianistas que terminaram o seu curso, alguns nocturnos do sempre inolvidavel e inconfundível Chopin, e trechos de Händel, Beethoven, Mendelssohn, etc.

As vezes as impressões que sentiamos eram de tal ordem, que a palavra morria-nos nos labios, e vinha-nos á memoria o que Alphonse Karr conta dos que ouviam seu pae ao piano, e que quando se retiravam sem nada lhe haverem dito, era quando

mais alegria lhe causavam, porque provavam haverem sentido...

De resto, nós nunca podemos averiguar se a causa era essa, ou se realmente deveríamos antes exclamar, como o fino e bom Musset: «quando tenho o infinito dentro de mim sinto a impossibilidade para exprimi-lo».

Como quer que seja, a conclusão é que Rey Colação põe uma alma — a sua — no piano, e diz-nos com elle cousas sublimes e cousas inenarráveis...

E para não ficarmos a fallar d'elle usque ad consummationem chronicae, passaremos adiante.

Quem agora se segue é uma senhora, D. Rachel Luizello. Igualmente uma grande, uma verdadeira e notabilissima artista.

Quem não a ouviu acaso?

Quando esta figurasinha, pequenina e elegante, se senta gentilmente em frente da sua harpa, parece que junto com ella se senta tambem o proprio genio da musica, o que a final não deve causar estranheza, desde que na sua qualidade de masculino elle não pôde, alem de tudo, deixar de ser galanteador.

E então é ouvil-os aos dois, quer dizer, a ella e ao genio! — mas sobretudo a ella?

Que delicada interpretação do bello! Que fina e ideal intuição da arte!

O que ella nos diz quando os seus dedinhos subtis e nervosos percorrem as cordas da harpa, parecendo, pela rapidez aligerada com que o fazem, duas mysteriosas avesitas encantadas, que á maneira que n'ellas vão pousando, muito ao de leve, arrancam, sem mesmo o saberem, divinos harpejos inimitaveis e desenham ethereos arabescos indefiniveis!...

Aqui para nós, D. Rachel Luizello bebeu algum philtro magico e maravilhoso, ou fez algum pacto, angelico, já se vê, para tirar taes effeitos da sua harpa.

— Diga Rachel, tomou alguma cousa?

Ah! não quer dizer? Pois não diga, que a final faz bem.

Demais, se não tomou é como se houvesse tomado, e mesmo o publico nada tem com os contratos ou alianças particulares, que porventura a minha querida harpista haja feito com os espiritos invisiveis do divino mundo dos sons, e a sua simples obrigação (d'elle publico) é applaudir sempre, applaudir sem reservas, applaudir sem descanso...

Ah! como nós nos lembrámos dos dias e das noites passadas na sua casa do pateo Cadaval, uma casa que era um santuario da arte, e onde, antes que o mundo cá fóra tivesse a honra e o jubilo de esputal-a, tantas vezes nos deliciámos com esse indefinivel e inapreciavel goso esthetico, banho de luz em que a nossa alma immergia, e d'onde voltava retemperada e fresca, cheia de harmonias, cheia de illuções...

E doce recordar o passado, mesmo quando algum queixeum transparece á mistura com os momentos ditosos e plenamente risonhos da vida, da vida que em geral tão arida vae, por isso recordámos com saudade esses inolvidaveis instantes...

\*  
\*  
\*

E agora aonde iremos desentranhar expressões para fallar ainda do concerto de Mathilde Marcello,

da festa dos Andrades, da festa da imprensa, e de mais outros concertos a que ainda assistimos?

Tentemos, porém, o impossivel, ao menos esta vez, e principiemos pela estreia de Mathilde Marcello!

Noite de festa, noite sympathica, noite que não nos esquece mais, a de 9 de abril d'este anno bissexto, que, como os seus irmãos mais velhos, continúa a ser um anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo de 1888...

A sala cheia, os camarotes enfeitados com muita cara bonita, na platéa outras tão bonitas como nos camarotes, e em todos os rostos um ar de alegria e de confiança, que espalhava no espaço um fino perfume de encantamento e de bondade...

Quando ella entrou em scena, uma salva de palmas... Depois, Margarida solta as primeiras notas, conta a historia do rei de Thule, descobre o pobre modesto ramo de Siebel, logo em seguida o estonteador escrinio de Mephistopheles, e logo a aria das joias, e por fim o panno em baixo, e a seguir em cima, e bravos, e palmas, e risos, applausos em summa.

Era feliz Mathilde Marcello; tinha sido sagrada na sua terra, acabava de mergulhar na agua lustral dos applausos de contreraneos, e saía festejada, alegre, confiante...

— A sua voz? A sua voz é uma voz pequena certamente, mas cheia, sonora, bem timbrada, e com uma qualidade preciosa: não se desnatura, não se despoliarisa, não se decompõe n'outra.

Cá fóra alguns acharam-lhe falta de sentimento. Nós somos assim: muito sentimentaes; parece que foi geito que nos ficou de havermos sido em balados com o *Noivado do sepulchro*.

Cantora que não nos dê logo ás primeiras notas muito sentimento, todo o sentimento, não é em verdade o nosso genero.

Que querem? Tem sido o nosso fraco, ou o nosso forte.

Aqui onde nos vêem somos um povo que temos muito coração... e algum figado.

Elles bem concordaram que Mathilde Marcello tinha um excellentemethodo de canto, como o provou nas romanzas que cantou, algumas da sua eminente professora M<sup>me</sup> Viardot, no bello trecho de Massenet, bem como na aria da *Força do Destino*; mas, aqui entre nós, se ella tivesse posto em tudo um bocadinho mais, ainda quando não fosse senão um bocadinho do tal sentimento, então sim, então é que Mathilde tocaria verdadeiramente a nossa fibra sensivel.

Ora nós somos suspeitos, porque depois do que aqui escrevemos na chronica passada, não podemos, alem dos demais titulos que nos faltam, adduzir ao menos o da imparcialidade, visto que se trata de uma pessoa que nos foi e nos é, por tantos motivos, e tambem por tantos titulos, vivamente sympathica; mas, quer-nos parecer que o publico de S. Carlos é um pouquinho exigente, sobretudo quando se trata de uma artista portugueza, quando se canta nas condições especiaes em que Mathilde Marcello cantava, tremula e nervosa, precisamente porque não ignorava as sympathias que a sua apresentação em S. Carlos tinha despertado, pois é de saber que os extremos tocam-se, e tanto altera e

commove um artista o receio de uma platéada como a alegria de uma ovação; — quando finalmente se está em presença de uma platéa que tem fama de rigorosa, e se volta a um paiz d'onde se partiu em condições bem diversas d'aquellas em que se regressa.

Houve quem quizesse ver nas reservas, um pouco injustas, com que um ou outro espectador ouviu a novel cantora, uma questão de rivalidades entre a chamada alta sociedade e a que o não é, ou é simplesmente média; mas isso quer-nos parecer uma historia de caróchinha, porque, quanto a nós, sempre imaginámos e continuaremos imaginando, que quando se trata de apreciar alguém não devem antepor-se ao juizo sereno e imparcial da razão, ridiculas e pequeninas divisões sociaes, invejas ou despeitos de classes e de pessoas entre si, mas sim pesar-se e aferir-se com consciencia e isenção as qualidades que no animo do publico, uno e compacto, hão de determinar o seu *veredictum*.

De resto, supponho que assim foi, e que o facto de Mathilde Marcello não ter tido uma d'essas grandes ovações, que impõem e que se impõem, provém de effectivamente não ter uma grande parte dos nossos frequentadores do theatro lyrico, pronunciada sympathia pela escola franceza de canto, e ser preciso tempo para se ir habituando aos cantores que a seguem. Tal o caso de Talazac, por exemplo.

Isto nos quiz parecer, e por isso não desesperámos de ver Mathilde Marcello applaudida com mais calor na primeira scena lyrica do seu paiz, quando algum empenzario se decidir a trazel-a cá, ao menos para lhe proporcionar o ensejo de respirar algum tempo o ar saudavel e docemente ambicionado d'esta nossa querida Lisboa, tão cheia de defeitos, mas tambem tão cheia de encantos, para ella e para nós todos, quantos somos seus filhos e que muito, muito a amámos.

Quanto a nós, Mathilde Marcello sabe bem, pela alegria que nos causou vel-a e ouvi-la, quanto o seu fino e adoravel perfil está vivo e impresso em nosso espirito e quanto pedimos aos deuses — e pediremos aos empenzarios — que a tragam breve á sua patria querida.

E para terminar, ella que nos perdoe o termos-lhe dado nada menos de seis annos a mais, isto quando o desejo de todos nós, quando se trata de senhoras, é tirar-lhes alguns...

Já agora que commettemos o erro — erro que é quasi um crime — cá fica a penitencia, e para não sermos sós a pensar, aqui juntámos o *Diario Illustrado* que, publicando lhe o retrato, só se esqueceu de acrescentar tambem — que essa feia e gorda senhora grave que nos apresentou, sob o nome de Mathilde Marcello, era — oh! céus — a filha mais velha do conselheiro Acacio — e não a gentil e elegante cantora que realmente dá por esse nome.

Tenha paciencia, collega, mas já agora haja companheiros na desgraça.

\* \* \*

Fica-nos ainda a festa dos Andrades, o concerto da imprensa, etc., etc., etc.

Santo Deus o que vão dizer as leitoras?!

Ora um bocadinho de resignação não é cousa que lhes desfigure o rosto, por isso me permitto abusar ainda uns minutos mais.

Eu serei conciso, prometto.

E escusado fallar-lhes de Pinheiro Chagas. Todos sabem o que elle é como orador, e quanto a sua palavra imaginosa e quente é realmente uma harmoniosa e deliciosissima musica.

E até este o motivo por que elle figura aqui na chronica musical. Alguem lhe chamou já um excellento tenor, e esse alguem sabem quem foi? Fontes Pereira de Mello.

Nem parece que fosse cousa para desconsiderar, e sobretudo nas circumstancias em que o finado estadista assim o classificou, representava até essa phrase um alto elogio.

Eis o que é realmente Pinheiro Chagas: um Masini da linguagem.

Não sabemos se tudo quanto elle diz é profundo, transcendente, original, mas o que sabemos é que a fórma como elle diz tem todos os encantos e todas as seducções. Juntem a essa preciosa qualidade uma formosissima intelligencia, uma prodigiosa memoria e uma larga erudição, e ahi tẽem, esboçada ao menos, esta sympathica individualidade, que um attentado grosseiramente selvagem e torpemente brutal e traçoero fa arremessando para a eterna noite do nada, e que um milagre — talvez a somma de tantas dedicações e enthusiasmos reunidos — conseguiu chamar á vida, ás alegrias do trabalho e aos prazeres do estudo.

Contar por tudo isto o que foi a ovação de todo um publico, ao ver diante de si, vivo e *íntegro*, o homem que tantas vezes um desanimador symptoma ameaçou de morte, é tarefa por demais superior aos recursos da chronica, e essa musica de vivas, de applausos, de bravos, que aos nossos ouvidos souo então, nunca mais a esqueceremos nós — nem elle tambem por certo.

E Antonio Candido que nos perdoe se deixámos ficar no escuro os innumerables primores da sua formosissima oração, formosissima pelo profundo dos conceitos e pelo rendilhado da fórma; mas transcrever para aqui um esmaecido reflexo da sua palavra tão bella, tão moderna, tão inspirada emfim nos mais culminantes ideas da philosophia e da arte, era dar ao espirito dos que nos lêm, e que porventura o não ouviram, uma impressão inexacta e incompleta do que ella foi, dos assumptos que tocou e das perolas que por toda ella esparziu...

Deviamos ainda fallar da outra parte musical, e dizemos da outra, porque, como võem, a que até aqui nos occupou tambem foi musica, e da melhor, mas foram tantas as bellezas e os primores d'este concerto, desde a voz da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Sanguinetti até ao *spiritito gentil* finamente cantado pelo sr. João Affonso, que não terminamos este artigo, se como desejavamos, fossemos fallar de todos.

E notem que já nos fa esquecendo a orchestra, que tocou com uma correcção, que é o seu mais bello elogio, e onde vimos amadores que são, sem favor, perfeitos e conscienciosissimos artistas.

\* \* \*

Agora, para terminar de vez, uma ultima referencia á festa dos Andrades.

Um simples adjectivo a caracterisa: expansiva.

Foram effectivamente expansões de talento da parte d'elles, expansões de entusiasmo, de sympathia e de justiça da parte do publico.

Ainda n'um concerto podemos ouvir Francisco de Andrade, um cantor que toca por vezes a mais alta culminação da arte, e que põe pedaços da sua alma tão rica e tão completa nos trechos que *cria* diante de nós, e D. José de Almeida, um amador que seria um artista senão preferisse antes ser tenente de artilheria, e cuja voz, sendo a mais enérgica que ha na escala mascula, é ao mesmo tempo a mais doce, a mais suave, a mais insinuante emfim.

\* \* \*

Abençoadas horas as que passámos elevando o espirito até ás luminosas e immaculadas regiões da arte, da arte que é no fim de contas a mais bella, a mais sublime e a mais tocante de todas as religiões, que na dura batalha da existencia se propõem a guarecer-nos a alma e a confortar-nos o coração.

Que todos podessemos ao menos commungar uma hora por dia n'este divino santuario da eterna e immortal belleza, e a Vida apparecer-nos-ia mais rosea e a Humanidade mais pura . . .

VIATOR.

P. S. Uma errata. Fallando nós na chronica passada dos que encontravim na opera *D. Branca* influencia da musica franceza, tinhamos escripto que esses eram os germanophóbos. Inadvertidamente saiu *germanophilos*, o que deu uma repetição escusada e uma confusão incomprehensivel, que agora facilmente se explica.

V.

### LIBERRIMO

Tudo caíul tu bem no vés, creança,  
Já não me treme a voz, a mão é fria,  
Não fulge o meu olhar como fulgia  
Quando enleiado em tua negra trança.

Em vão procura o teu olhar, Maria,  
Dentro em minh'alma reanimar a esperança;  
Tudo caíul tu bem no vés, creança,  
Já não me treme a voz, a mão é fria.

E emtanto, escuta: ainda ás vezes, quando  
Teu piano soluça, ameno e brando,  
A mystica loucura da Dinórah,

Julgo ouvil-o fallar-me, em tom dolente,  
Longiquo e triste, d'esse amor fremente  
Que junto d'elle suspirou outr'ora . . .

JOSÉ NEWTON.

### O DIAMANTE

A natureza do diamante foi ignorada por muito tempo. Custa admitir que o mais limpido dos mineraes seja da mesma natureza que o corpo do mico negro chamado — carvão.

No seculo xvii, Newton estudando a potencia refractiva dos corpos transparentes, chegou a persuadir-se da combustibilidade do diamante; pelo mesmo tempo, experiencias feitas em Florença, confirmavam a opinião d'este sabio, mas foi Lavoisier,

o immortal descobridor da composição da agua, o primeiro que, no seculo seguinte, queimando-o no oxygeneo, notou a transformação em acido carbonico.

Encontra-se este corpo disseminado nas areias de alluvião, e os seus principaes jazigos são na India, no Brazil, no Cabo da Boa Esperança, etc.

O carboneo puro é recolhido pela lavagem das areias diamantíferas.

Crystallisa naturalmente com as fórmias de cubo ou de dodecaedro rhomboidal, e algumas vezes apresenta faces curvas; é de ordinario coberto de uma crusta terrosa mais ou menos adherente.

É inodoro, insipido, geralmente incolor: dos que são côrados, uns são amarellos, outros côr de rosa, outros verdes, e ha-os tambem azulados, e até negros.

A sua densidade varia entre 3,52 e 3,55.

Refracta e dispersa fortemente a luz.

É o mais duro de todos os corpos, risca todos e não é riscado por nenhum. É mau conductor do calor e da electricidade.

Como todas as variedades do carboneo, o diamante aquecido ao abrigo do ar é infusivel aos mais violentos fogos de forja; exposto a uma temperatura desenvolvida por uma bateria de cem elementos Bunsen, funde e transforma-se em materia negra, similhante á graphite.

A lapidação augmenta-lhe o numero de faces e o poder dispersivo, e executa-se submettendo-o ao lascado, seguindo faces paralellas ás do octaedro, e gastando-o em seguida com o seu proprio pó; n'esta operação perde de ordinario quasi metade do seu peso.

O seu particular brilho chamado *adamantino* torna-se maior quando talhado. Os mais grossos são talhados em *rosa*, e offerecem no cume uma pyramide de vinte e quatro facetas, e uma base larga e chata, destinada a ser recebida pelos dentes proprios de alguns enfeites de ouro ou prata; os mais pequenos em *brilhante*, e apresentam o terço superior plano, cercado de pequenas faces obliquas, e os outros dois terços constituem uma pyramide, cujas faces correspondem ás do terço superior.

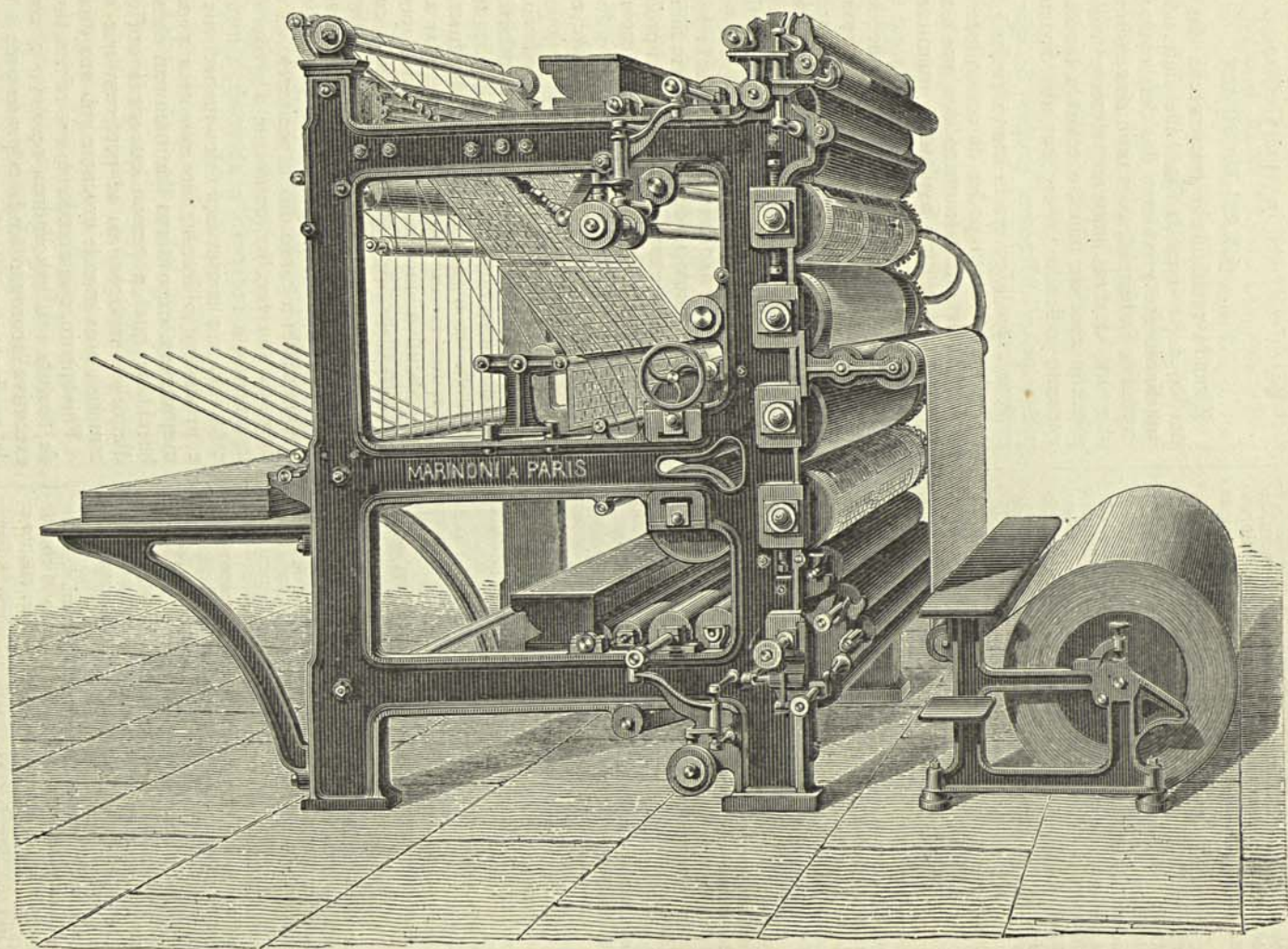
Encontra-se no jazigo do diamante uma especie crystallina inlapidavel e com o aspecto dos crystaes prismaticos do assucar; e igualmente o diamante negro, amorfo, inlapidavel e tão duro como o crystallisado.

A sua applicação é a seguinte: os que apresentam uma limpidez, ou que são *da mais pura agua* empregam-se como joias do mais subido valor, em vista das suas propriedades opticas, os que têm algum defeito e os inlapidaveis servem para lapidar aquelles, gravar e polir as pedras preciosas, cortar o vidro, tornar inalteraveis os orificios das feiras, perfurar as rochas collocadas na extremidade dos trepanos e como eixos de relojoaria.

Os diamantes têm preço mais elevado pela raridade, pela despeza que exige o talhe e pela perda que produzem. São avaliados pelo peso, e a unidade adoptada é o *karat*, que corresponde a 20 centigrammas e meio. Quando talhados é mais consideravel o valor, que chega a elevar se a 50,000 ou 60,000 reis o karat.

LVIDIO.





PRENSAS CYLINDRICAS (ROTATIVAS) DE MARINONI

## PRENSAS CILINDRICAS (ROTATIVAS) DE MARINONI

Depois de Frederico Koenig, o famoso inventor das machinas de imprimir, nenhum constructor tem prestado maiores e mais assignalados servicos ás artes graphicas, concorrendo para a mais rapida diffusão dos conhecimentos humanos, e, portanto, para a civilisação universal, como o sr. Marinoni, cujas vastas officinas se acham installadas em amplo edificio, expressamente construído para similhante fim, na rua d'Assas, em Paris.

São innumerables e importantissimos os aperfeiçoamentos realísados por aquelle benemerito constructor em tão preciosos instrumentos de trabalho; e bem pôde dizer-se, que as machinas do sr. Marinoni, rivalisando em precisão com as da celebre manufactura de Oberzell, e em solidez com as dos mais acreditados constructores inglezes, apresentam, sobre umas e outras, indiscutivel superioridade pela simplicidade do seu funcionamento, e pela elegancia do desenho dos seus differentes orgãos.

Essa superioridade, geralmente reconhecida, tem merecido ao sr. Marinoni as mais subidas distincções em todos os certámenes industriaes a que ha concorrido com os seus productos.

Na exposiçáo universal de Paris de 1878, onde vimos funcionar admiravelmente algumas d'estas machinas, conferiu-lhe o grande jury um premio especial (*grand-prix*), e na exposiçáo universal de Amsterdam, em 1883 foi tambem concedido ao sr. Marinoni o unico diploma de honra dado a constructores de machinas de imprimir.

Por decreto de 2 de fevereiro de 1875, o governo francez, em justo galardão do relevante merito do illustre constructor, nomeou o sr. Marinoni cavalleiro da Legião de Honra; em 1884 foi promovido ao grau de official da mesma ordem.

Para se avaliar, approximadamente, sequer, a importancia da fabrica do sr. Marinoni bastará dizer, que esta grande casa, desde 1847, data da sua fundação, até 1886, vendeu 8:500 machinas de varios systems, não só para França como para varias nações da Europa e da America.

São muitos e diversos os tipos de machinas, que se constroem nas officinas do sr. Marinoni. Eis os principaes: prensas denominadas *indispensavel e universal*, de tintagem plana e cylindrica, com e sem receptor mechanic; prensas de *branco* para impressões a cores e de grande luxo; prensa de *platina*; prensa de retracção; prensa lithographica para chromos; prensas de pedal (*Utile e Active*); prensas de *reacção*, de dois ou quatro cylindros; e finalmente, prensas cylindricas, rotativas ou rotatorias.

Quasi todos os tipos de machinas, que indicámos, são de sobra conhecidos e mui apreciados em Portugal. Só o não era, pelas condições especiaes, que se dão no nosso paiz, em que as grandes tiragens constituem ainda uma excepção, o systema rotativo, de que damos um bello desenho na pagina anterior.

Coube á empresa do *Correio da noite* a mui louvavel e arrojada iniciativa da introdução d'estas excellentes machinas, que, em verdade, reúnem condições que as tornam preferiveis ás de reacção até agora usadas com vantagem na impressão de jornaes, sendo de uma produção extraordinariamente superior.

N'estas machinas a tiragem é feita sobre *clichés* curvos, que se adaptam aos cylindros competentes com muita facilidade; funcionam com papel continuo em rolos, como se observa na estampa. Pódem produzir 12:000 ou 24:000 exemplares por hora, conforme o formato. O sr. Marinoni constroe tambem essas machinas com apparelho de dobragem, o que importa grande aproveitamento de tempo e consideravel economia para as empresas jornalisticas.

O grandioso estabelecimento fabril do sr. Marinoni, é, desde muitos annos, dirigido pelo nosso amigo o sr. Julio Michaud, genro do proprietario, engenheiro tão distincto pelo talento e pela competencia, como digno de estima e veneração pelas brillhantes qualidades que o exornam.

São agentes em Lisboa da casa Marinoni os conceituados commerciantes os srs. Esteves & C., em cujos armazens, no largo de S. Carlos, se encontram sempre alguns dos tipos de machinas, d'aquelle e outros constructores, que tem mais accetção entre nós.

F. PEREIRA E SOUSA.

## ALGUMAS INFORMAÇÕES

Á CERCA DA

## EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA DE 1888

## AVISO

AOS SRS. INDUSTRIAES

Estando concluída a construcção das galerias e pavilhões na avenida da Liberdade, destinada á installação dos productos das differentes secções da exposiçáo industrial, com uma secção agricola, cuja abertura deverá impreterivelmente realizar-se no proximo mez de maio, e estando tambem definitivamente indicados os espaços que devem ser occupados pelos differentes grupos de que consta a mesma exposiçáo; sendo muito avultado o numero de volumes já em poder da commissáo executiva, muito importante o numero dos que estão em caminho, e ainda mais avultada a quantidade de volumes de productos que estão para ser expeditos, e para os quaes ha já logar tomado; e havendo instantes pedidos de muitos dos expositores para que ainda seja prorogado o praso para a recepção dos mesmos productos, resolveu a commissáo executiva da exposiçáo industrial portugueza, na sua sessão de hontem, fazer publicar as seguintes communicações aos interessados:

Que os srs. expositores, que ainda não fizeram remessa dos seus productos, a devem fazer sem demora, podendo expedir os pela fórma ordinaria, por qualquer das linhas do caminho de ferro, sendo as despesas de transporte, quando hajam de pagar-se, todas a cargo da commissáo executiva, e pagaveis em Lisboa, como já foi dito;

Que tanto a guia usual da expedição, como a guia da relação e descripção dos productos expeditos (devendo esta ser feita em duplicado), devem ser enviadas á sede da associação industrial portugueza, rua Ivens, 19, 1.º, e endereçadas á commissáo executiva da exposiçáo industrial portugueza, vindo os respectivos volumes marcados com as iniciaes — E. I. P., tendo os productos destinados á secção agricola as mesmas iniciaes e em seguida — *secção agricola*.

Que sendo a cargo dos expositores, ou de individuos de sua escolha, conforme o artigo 9.º do regulamento, a recepção, a abertura, a installação, a exhibição e a conservação dos respectivos volumes e productos, a commissáo executiva pede que os mesmos srs. expositores lhe indiquem com a maior brevidade qual a pessoa que cada um encarrega d'aquelles servicos, ou se preferem que a mesma commissáo os mande executar sob sua direcção;

Finalmente, que accedendo aos reiterados pedidos de muitos srs. expositores, resolveu a commissáo executiva prorogar ainda o praso para a recepção de productos até 30 do presente mez de abril, devendo as installações dos já existentes em poder da commissáo principiaem a installar-se nos primeiros dias da proxima semana.

Lisboa, sala das sessões da commissáo executiva da exposiçáo industrial, com uma secção agricola, 17 de abril de 1888.

## SECCÃO DE BELLAS ARTES

Os artistas portugueses que desejem concorrer a esta exposição deverão apresentar os seus trabalhos até às 2 horas da tarde do dia 14 de maio, no local da exposição na avenida da Liberdade.

Os trabalhos devem ir acompanhados das respectivas guias, que serão requisitadas pelos srs. expositores na sede da associação industrial portuguesa, rua Ivens, 19; 1.º, onde igualmente encontrarão o regulamento da secção.

A mesa da secção previne os srs. expositores que o prazo marcado será rigorosamente mantido.

Lisboa, 21 de abril de 1888.—O presidente, *João Chrysostomo Melicio*.—O secretario da secção, *Lino d'Assumpção*.

As edificações destinadas á exposição industrial compõe-se, como dissemos em tempo, de um salão de honra, de quatro pavilhões e de seis galerias.

Segundo foi deliberado pela commissão executiva da associação industrial, o salão de honra, que fica no corpo central, denomina-se *D. Luiz I*.

O pavilhão do lado oriental, á entrada, *D. Fernando II*; o outro do mesmo lado, *Prinzeza D. Amelia*; o do lado occidental, á entrada *Principe real D. Carlos*; o outro, do mesmo lado, *Rainha D. Maria Pia*.

As galerias do lado oriental denominam-se: *A. A. de Aguiar*, *Faria Guimarães* e *Moraes Soares*; as do lado occidental: *Guilherme Stephens*; *Jacome Raton* e *Fradesso da Silveira*.

Começamos hoje a já extensa lista dos expositores.

## Galeria Guilherme Stephens

## FAIANÇAS

Fabrica de faianças das Caldas da Rainha: louça artistica, de uso commum, azulejo e materiaes de construcção.

Lopes & C.ª: louças de mesa, jarros, azulejos, etc.

Fabrica de Sacavem: faianças.

João Roseira: azulejos, balaustres, etc.

José Pereira Valente: idem.

José Augusto: cascata e quadro em mosaico.

Antonio Almeida da Costa & C.ª: tubos de grés, encanamentos, etc.

Francisco Eugenio Rostang: photo-ceramica, pratos, etc.

Fabrica da Vista Alegre: porcelanas.

Viuva Lamego, successor João Garcia: faianças.

João Leite Pereira: louça tosca, brinquedos para creanças, etc.

Manuel Leite Pereira: louças, faianças.

João Pereira de Rezende: louças.

Empreza de betonilhas e outros trabalhos em beton plastico: pedras artificiaes, balaustradas, etc.

José Gregorio Bandoni: productos ceramicos, louças de uso commum, etc.

João de Deus Lobato: tubos de barro, tijolos, siphões, etc.

Manuel José dos Santos: estatuetas em barro.

José Alexandre Pargana Teixeira e Castro: quadro de mosaico em vidro.

Antonio da Cruz Xavier Leiria: objectos de vidro para ornamentação domestica.

## VIDRAÇARIA

Empreza exploradora do Cabo Mondego: carvão, vidraça, productos mineraes, aguas sulfurosas, etc.

Empreza da real fabrica de vidros da Marinha Grande: vidraça, vidros, cristaes, etc.

## METAES

Onofre José da Rocha Carvalho: mesas, étageres de bronze dourado.

Manuel Francisco dos Santos: quadro com lettas de zinco em relevo, douradas.

José Rodrigues da Silva Junior: par de serpentinas bronzeadas, ornamentadas.

Silvestre Polycarpo Correia Belem: galvanoplastica.

Joaquim Rufino Ribeiro: obra de latoaria.

João Thomé Alcobia: latoaria.

Francisco Lourenço da Silva Almeida: moveis de ferro.

José Maria Lourenço Junior: alambiques, tachos, fogareiros de cobre, etc.

Manuel Simões Nascimento Junior & Irmão: aparelho de destillação.

Sociedade progresso: machina de destillação.

Augusto José da Cunha: obras de folha para adorno de igrejas.

Antonio Pinto Bastos, director da empreza mechanica e metallurgica: torneiras, hydrometros, tubos de chumbo, etc.

Empreza progresso industrial: quadro com amstras de artigos de parafuzeria e ferraduras.

Hyppolito Cassiano Alegre: redes de arame, moveis de ferro e colchões de arame.

A. C. Encarnação & C.ª: fogões de cozinha, bancos de jardim, prensas de copiar, etc.

Companhia perseverança: aparelhos de destillação e uma prensa para lagar de azeite, moinhos para espremer canna saccharina, etc.

Henriques Irmãos: aparelho de destillação continua para liquido e bagaço de uvas.

Carlos Theriaga Junior: verrumas.

Mello & C.ª: espadas.

Companhia previdente, pregaria, tubagem de chumbo e madeira.

Repartição das reaes cavallariças, ferraduras.

Gregorio José da Silva, successor de Manuel Antonio da Silva Filhos: chumbo para caça e balas.

## PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Joaquim Simões Serra; José Bernardo Birra; Francisco José de Amorim; Adolpho Mesquita Gomes de Moraes; Estacio & C.ª; Franco, Filhos; João Antonio Ougueia & Filhos; Pedro Fernandes da Cunha; José Julio Rodrigues; Maria Joaquina da

Silva Saturnino; Lopes & Irmão; Maria José dos Reis Franco; Francisco Maria Nogueira; Joaquim Antonio Vaz Leirinha; Francisco J. Tavares de Magalhães; Manuel Lopes Afonso Ferreira; Jacques Pessoa; Assumpção, Torres & C.<sup>a</sup>; José Cardoso da Silva Guimarães; Antonio José Alves; Eleazar A. Macedo Ferraz; Joaquim J. de Miranda Sarmento; José Branco Nunes Correia.

## OURIVESARIA

Antonio Rodrigues da Paz: objectos de ouro.  
Gualdemiro Cardoso: ouro em folha e em pó.  
Antonio José de Salles: modelo do theatro de Evora, em prata.  
Luiz Pinto Moutinho: objectos de ouro.  
Francisco Henriques da Fonseca: ourivesaria.

## Galeria Jacome Ratton

## SEDAS E PASSAMANERIAS

P. J. A. Cambournac: tinturaria.  
Antonio Gomes de Sousa: galões de seda, franjas.  
H. Gariel: tecidos de seda.  
Francisco Ramires: sedas.  
Companhia manufactora: artefactos de malha.

## Galeria Fradesso da Silveira

## MATERIAS PRIMAS TEXTIS, CABOS, CORDAS, ESTEIRAS, CAPACHOS E CANASTRAS, OBRAS DE ESPARTO

Bruno da Silva: esteiras.  
Guilherme Joaquim dos Santos: stores de madeira.  
Domingos Alves de Azevedo & C.<sup>a</sup>: amostras de obras de cordoaria,  
Sebastião José de Oliveira: ceiras de esparto, etc.  
Cordoaria nacional: cabos, etc.  
José Francisco Correia & Filhos, canastras.

## MATERIAS PRIMAS, TECIDOS DE LINHO E DE ALGODÃO

Llorent & C.<sup>a</sup>; companhia de fição e tecidos de Torres Novas; companhia fabri! do Salgueiro; companhia de fição e tecidos lisbonense; Henrique Pereira Taveira; companhia do fabrico de algodão em Xabregas; companhia de fição e tecidos de Alcobaça; fabrica de fição do Bogio; Francisco Eduardo Antunes & Martins; Domingos da Conceição Casellas; real fabrica de fição de Thomar; Anjos, Cunha, Ferreira & C.<sup>a</sup>; companhia lisbonense de estamparia e tinturaria de algodões; companhia de estamparia de Alcantara; Ignacio de Magalhães Basto; Adolpho Augusto Etur.

## TECIDOS DE LÃ

Bernardo Daupias & C.<sup>a</sup>; companhia de lanificios da Arrentella; companhia nacional de lanificios em Arroyos; Antonio Augusto Lopes da Costa; companhia de lanificios do Campo Grande; João Alves Bibiano; José Mendes Veiga; companhia de lanifi-

cios de Alemquer; empreza industrial mindense; José Rodrigues Rogeiro; Manuel Mendes Alcada; Campos Mello & Irmão; Sebastião da Costa Rato & Sobrinhos; Francisco Luiz de Almeria; Alçada & Monzaco.

## PAPEIS PINTADOS, CARTONAGENS, ETC.

Callado & C.<sup>a</sup>: papeis pintados.  
Vargas & Irmão, cartonagens e caixas de papelão.  
A. de J. Ferreira Firmo: caixas de diferentes modelos.  
Antonio Cardoso da Rocha: papeis pintados.

## INSTRUMENTOS SCIENTIFICOS DE PRECISÃO

Instituto industrial de Lisboa; M. Hermann; Augusto Justiniano de Araújo; Motta & C.<sup>a</sup>; Alfredo Brito; Azevedo Coutinho; João Ferreira da Costa & Rodrigues.

## Galeria Antonio Augusto de Aguiar

## PHOTOGRAPHIA

Carlos Relvas; Adriano da Silva e Sousa; Antonio Maria Serra; D. Maria Eugenia Campos; Rocha & C.<sup>a</sup>; Damião da Graça; João F. Camacho; Augusto Lamarão e Luiz Lamarão; Henrique Goes; Francisco dos Santos Lima; José Ramon Moniz.

## INSTITUTOS DE EDUCAÇÃO E ENSINO PROFISSIONAL

Asylo D. Maria Pia: calçado, fato, etc.  
Escolas industriaes e de desenho industrial da circumscripção do sul: desenhos, modelos, etc.  
Real casa pia de Lisboa: provas de escripta, desenhos, livros, etc.

\* \* \*

Pelo que respeita á secção da imprensa, além dos industriaes que mencionámos no numero anterior, adheriram ao convite da commissão, e têm logar designado, os srs.:

Antonio Maria Pereira (editor).  
Manuel José Alves de Azevedo (Porto).  
Fabrica de papel do Porto de Cavalleiros (Thomar).  
Paulino Ferreira (encadernador).  
Pedro de Oliveira (typographia portuense).  
Instituto geographico a Santo Amaro.  
Viuva Lisboa & Filhos (encadernador).  
João Pedroso Gomes da Silva (gravador).  
Francisco Pastor (idem).  
Raphael Lzidro Maria Pimenta (idem).  
Augusto Humberto Facó Valentim (idem).  
José dos Reis Loureiro (idem).  
Abilio Severo (encadernador).  
Alfredo Joaquim da Silva Ramalho (gravador).  
Gaudencio Maria Martins.  
Julio Cesar Viçoso (gravador).  
João José Barreto.  
Mazzochetty & C.<sup>a</sup>

Os annexos em construcção são os seguintes:

Vaccaria do sr. dr. Carlos de Lima Mayer, bonita construcção no estylo flamengo, feita sob a direcção do sr. Martinho da Silva, que n'este seu trabalho revela o quanto aproveitou com os estudos que fez na Belgica, por conta do governo. Este annexo, pela sua originalidade, destaca-se bem de todos os outros e tem prendido a attenção dos visitantes ao local da exposição. Para esta vaccaria esperam-se por estes dias umas manjadouras de ferro esmaltado, inglezas. O sr. dr. Mayer exporá productos de distillação de cereaes, e apresentará tres vaccas normandas, alimentadas com os residuos da mesma distillação, e cujo leite é magnifico.

Um *fac-simile* da penitenciaria central de Lisboa, onde este estabelecimento exporá os seus productos.

Do sr. visconde de Silves, para exposição de cortiças.

Chalet da empreza ceramica de Lisboa.

Do sr. Antonio Maria Rato, para expor cantarias.

Installação para as machinas productoras da luz electrica.

E os annexos das exposições de minas e florestal.

Foi concedida permissão ao sr. D. Thomás de Mello, proprietario da *Agencia universal de annuncios*, para a collocação, no recinto da exposição, de um portico para annuncios, cujo risco vimos, e que estamos convencidos deve produzir bom effeito.

### MORS-VITA

Ao dr. Oliveira Valle.

Quando se esprieta para dentro d'alma  
Nos desolantes dias de tristeza,  
Ergue-se a Dor, vasta fornalha accessa,  
Que o balsamo das lagrimas não calma,

A rugir como a lava d'um vulcão;  
E em meio d'esta lugubre paizagem  
Vê-se morta, queimada muita imagem,  
E pedaços do proprio coração!...

Mas assim como outr'ora renascia  
Da propria cinza a Phenix legendaria,  
Assim tambem da morte horrenda e fria

De todo o nosso ser lançado á cova,  
— Como flor n'uma urna funeraria,  
Resurge-nos no peito uma alma nova...

AFONSO VARGAS.

### NOTAS VARIAS

Conta Valmont de Bomare no seu *Diccionario de Historia Natural* que, os habitantes de Maduré, pequeno reino das Indias Orientaes, têm pelos jumentos grande veneração, por acreditarem que as almas dos nobres passam para os corpos d'aquelles animaes.

Dar-se-ha o caso que certo burro que nós conhecemos seja um nobre do Maduré — em migração?

## O FUNDAMENTO DAS RELIGIÕES

### I

Não será empreza facil calcular com precisão o principio e o fundamento dos dogmas e crenças em que assentam as religiões; não será, porém, demasiado difficil o concluir, depois de um exame, ainda que superficial, que esses dogmas e essas crenças, estejam exaradas nos livros catholicos ou no Alcorão, no Talmud ou no Awesta, todas ellas têm uma origem commum, baseando-se todas no mesmo fundamento que as une e relaciona.

«Do exame dos codigos religiosos, diz Volney, resulta a comprehensão nitida de que todo esse conjunto de leis que se dizem divinas, isto é, immutaveis e eternas, nasceu inteiramente das condições do tempo, do logar e das pessoas, derivando todas essas leis umas das outras, n'uma ordem perfeita-mente genealogica, e prestando-se successivamente um fundo commum, e uma approximação de idéas que os homens, a seu talante hão modificado.»

E é certo que, se observarmos com attenção os dogmas em que se fundam o brahmanismo, o budhismo, a religião dos parses, dos egypcios, e ainda mesmo a dos judeus, isto é, as religiões que, por pertencerem aos povos que na antiguidade mais longe levaram os progressos da sua civilisação, mais precisada e definida nos legaram a noticia dos seus principios theogonicos e das suas fôrmas lithurgicas, verificaremos, em presença dos factos maravilhosos em que assentam, e nas maneiras extraordinarias como apresentam as manifestações das suas divindades, que, ou n'essas epochas fabulosas em que collocam a sua origem, os homens eram, bem como tudo que os rodeava, diferentes absolutamente do que são hoje, ou então essas divindades, bondosas ou iracundas, que patenteiam, como presidindo aos destinos do mundo, não são mais que os agentes phisicos da natureza, individualizados e deificados pelo terror ou satisfação que inspiraram aos primeiros homens.

E para quasi inteiramente auctorisar este raciocinio, basta ver a identidade que existe em todas estas religiões; em todas ha o *deus mau*, que pôde muito bem ser a representação de todos os phenomenos naturaes, o de todos os meteoros que arrastam consigo mortes e calamidades; e o *deus bom*, igualmente attribuivel a todas as circumstancias da natureza que produzem a fertilidade do solo e a prosperidade do homem.

Em todos os dogmas sobre a origem do mundo, sobre a natureza da divindade e revelação de suas leis, enfim, sobre todas as manifestações que lhe são attribuidas, se reconhecem de um modo mais ou menos claro, factos astronomicos, taes como o jogo das constellações, movimentos da terra e da lua, chuva, trovoadas, etc., factos estes a que as imaginações aterrorisadas dariam vulto, divinizando-as e formando com elles as religiões primordiales; e estas successivamente se iriam fundindo umas nas outras, multiplicando e transformando, tanto em relação ao estado de adiantamento intellectual dos povos em que se iam constituindo, como em atten-

ção ás suas circumstancias particulares, climatericas e topographicas.

Para reconhecer quanto as condições de clima e de logar influiriam de um modo directo nas crenças religiosas, basta notar, diz Bukler, que as divindades dos diferentes povos variam tanto de bondosas para maleficas, quanto as circumstancias do seu meio physico diversificam de apraziveis e agradaveis, para tempestuosas e inhospitas.

E assim se depreheende que os hindús, habitando primitivamente as faldas do Himalaya, e as margens do mortifero Ganges, logares em que as tempestades calamitosas se repetem com dolorosa frequencia, e onde a cholera e a peste dizimam impiedosas as infezadas populações, tivessem creado as suas divindades rancorosas e sangrentas, pintando Vichnú, o mais hediondo membro da trindade brahmanica com um collar de cabeças humanas e um cinto de cabeças decepadas; ao passo que os povos da Grecia, região privilegiada e encantadora, gozando todos os influxos de um clima excellente, houvessem dado aos seus deuses todos os attributos do encanto, da graça, do affecto e da belleza!

A longa permanencia no deserto da Arabia, as suas continuas luctas com os povos vizinhos, dariam porventura aos hebreus uma tal concentração de espirito, uma tal uniformidade de idéas, que não será muito arrojado attribuir a essas condições excepcionaes do seu meio social a origem do monotheismo da sua religião.

Emquanto que os egypcios, relacionados continuamente com todos os povos, testemunhas contínuas de muitissimos phenomenos cosmicos, e principalmente dos que se relacionam com as alternativas do seu Nilo, fonte uberrima dos mananciaes d'essa feracissima região, derivariam evidentemente o seu polytheismo, não só da diversidade de phenomenos que presenciavam, como tambem das circumstancias sociaes em que viviam.

CESAR DA SILVA.

## QUESTÕES SOCIAES

Para não eternisarmos estes artigos vemo-nos forçados, embora com magua, a restringir o nosso estudo sobre as diversas escolas socialistas.

Citaremos, porém, algumas outras antes de concluir, começando pela do chamado socialismo evangelico.

Esta variante, relativamente recente, deve-se á iniciativa poderosa e constante do prégador Stecker, que ha pouco tempo tão notavel se tornou na Alemanha pela sua campanha de propaganda tenaz contra os judeus, e que ainda agora, no seu furor anti-semitico, renova em plena civilização contemporanea, nos fins do seculo xix e n'uma nação tão altamente culta como é a que lhe foi berço, o seu odio contra uma grande e intelligentissima raça — grande, quaesquer que tenham sido os seus crimes ou as suas faltas — fulminando, com uma eloquencia embebida em odio, a idéa de se erguer uma estatua a esse fino e deliciosissimo Heine, que por si só fez mais em honra da sua patria que quarenta Stoeckers reunidos, porque fez viver para a immortalidade e

para a gloria uma particula ao menos d'essa estranha patria allemã tão contradictoria e tão *differente*, ao mesmo tempo sympathica e aborrecida, attraente e desgostante, especie de floresta mysteriosa rescendendo os doces perfumes da sciencia e da arte, e distillando os lethiferos venenos da oppressão e da guerra...

Pois foi este prégador Stecker, o mesmo que encetou a sua catechese de combate contra Heine e chegou a dizer alem de coisas estupendas, coisas medonhas acerca d'esse extraordinario espirito de analysta e de poeta, quem por assim dizer lançou as bases do socialismo evangelico.

Vendo que o catholicismo, incontestavelmente superior ás diversas e numerosissimas seitas protestantes que pullulam no mundo christão, — superior como corpo de doutrina e como organização de igreja, — desposava a causa dos desgraçados e prégava socialismo a seu modo, Stecker concebeu a arrojada idéa de fazer entrar na lucta o clero lutherano, e n'este sentido orientou a sua tactica de luctador.

Notavelmente culto e dotado de uma eloquencia insinuante e viva, este pastor conseguiu chamar ao seu redil basto numero de ovelhas, e a importancia que entre outras tomou a *Sociedade para a reforma social* por elle fundada, demonstra a actividade incansavel do seu espirito de proselytismo.

A esta veiu juntar-se ainda uma outra sociedade, tambem por elle instituida — *O partido social dos operarios christãos*, cujo fim era reconciliar as classes anarchicas por meio de reformas suggeridas pelo christianismo.

O seu programma, que continha artigos eminentemente sympathicos, dirigia-se a todos os que podessem auxiliar e proteger o proletariado, contribuindo para o bem estar d'estes, proporcionando-lhes bons salarios, reduzindo-lhe, tanto quanto possivel, as horas de trabalho, etc.

Um outro ponto importante era o do restabelecimento das corporações, embora com outro nome, facto que principia a solicitar modernamente a attenção dos que se interessam por esta ordem de questões.

É claro que ainda aqui não diremos o que pensamos n'este assumpto, mas salta aos olhos que alem de não se poder já voltar a formulas obsoletas e evanescentes, gastas pelo tempo e inutilizadas pela experiencia, que são os melhores revolucionarios que se conhecem, as antigas corporações por si sós nada resolveriam; comtudo, alguma coisa se pôde e deve fazer, que aproveitando o que houvesse de bom se adapte a novos modos de ser, e se coadune com as circumstancias e com as exigencias da sociedade contemporanea.

Um reparo justo havia por exemplo n'este programma, que muito conviria ser tomado em consideração: é elle o que lembra deverem todas as medidas de protecção ás classes proletarias tomar como que o caracter de convenções internacionaes, evitando-se assim, e cohibindo-se mesmo, o abuso odioso de que os industriaes de um paiz, que porventura tivessem melhorado effectivamente as condições do seu pessoal, viessem a ser prejudicados pela concorrencia que lhes promovessem os de um estado

onde as leis de protecção e de mutualidade não vigorassem, podendo, portanto, vender mais barato que aquellos os productos obtidos ás vezes com o trabalho de menores, por exemplo, trabalho mal pago e susceptível de apparecer no mercado em condições mais vantajosas.

Seria isso duplamente censuravel, por representar a um tempo um facto desleal, e um crime de lesa humanidade, visto como o emprego de creanças significa a condemnação a enfermidades precoces de milhares de organismos imbelles e incompletos, votados assim ao rachitismo ou á morte.

A idéa da sanção por todos os estados das leis, que nós chamaríamos de solidariedade proletaria e de protecção social, afigura-se-nos, pois, justissima e digna dos applausos de quantos se interessam pelos destinos e pela vida do maior numero.

Este é tambem o pensar de Laveleye, o qual lembra que, constituindo as nações europeas, em vista da facilidade de communicações, quasi um estado unico, todos os convenios e todos as leis precisam ter um caracter internacional, para que as medidas adoptadas por um paiz não vão causar perturbações a outro.

No entanto, os socialistas christãos pouco ou nada esperam dos parlamentos actuaes, em que domina o que elles chamam a burguezia liberal, e voltam-se de preferencia para os monarchas, esperando que elles façam o que no mundo antigo Cesar tentou realisar, e o que na idade media alguns reis levaram a effeito.

Já na Grecia os «tyrannos», na accepção primeva d'esta palavra, subiam ao poder arrojando os pobres contra os ricos, e ainda agora, o finado imperador Guilherme dizia com desvanecimento que queria ser chamado, como um monarcha celebre, — *le roi des gueux*.

Para isso invocam os adeptos d'esta escola as seguintes palavras de Lorenz von Stein, um notavel e eminente professor de Vienna:

«Todas as realezas serão apenas uma sombra vã, e abrirão caminho á republica, ou virão a transformar-se em despotismos militares, se não se penetrarem da dignidade e da elevação moral da sua missão, e não tomarem a iniciativa das reformas sociaes.»

Como vêem, a citação serve-lhes, até certo ponto, embora com ella se possa provar tambem que n'esse caso o socialismo evangelico é nada menos que a regressão ao cesarismo; mas não está sós n'essa idéa, e com grande espanto de muitos vê-se que as sensiveis lacunas que com o tempo se tem descoberto no parlamentarismo, e os erros e as faltas que em toda a parte elle tem commettido, deram e estão dando em resultado este reviramento perigoso das opiniões, que começam já a advogar, ou pelo menos a aceitar, sem protesto, a repetição d'esta perigosa e dictatorial forma de governo.

De resto, a Prussia, que é na phrase de um publicista o producto de uma inundação de slavos, contida por diques germanicos, presta-se, pela sua configuração ethnica, e pela sua origem social, á defeza d'esta ordem de theorias, como por outro lado se presta igualmente á concepção constante de todos esses systemas sociaes, que como outras tan-

tas panacêas, visam a resolver o problema da miseria, que tem sido sempre o problema de todos os tempos, e por certo ha de continuar a sel-o. De resto, para guarecerem as feridas sem fundo feitas n'este rude conflicto da vida, concebe-se que devam ser sempre bemyndos todos quantos trazem uma solução, um alvitre, uma idéa; por isso, apesar de tudo, os socialistas evangelicos têm o seu lugar ao lado dos que n'isto lidam.

Como se vê, porém, o que elles querem é quasi o que quer o socialismo do estado, e em mais de um ponto se confundem ambos. Mas o curioso é que socialismo do estado é quasi o que faz hoje a Alemanha, e então a lei fundamental da antiga Prussia, essa é quasi o transumpto fiel do programma dos socialistas-christãos.

Com effeito, no codigo universal prussiano (*Preussische Allgemeine Landrecht*) lê-se, entre outras cousas, o seguinte:

«O estado deve velar pelo sustento dos cidadãos que por si não podem procural-o ou não o obtinham dos que a isso por lei são obrigados.

«Aos que não encontrarem trabalho, dar-se-ha o que esteja em relação com as suas forças e aptidões.

«Os que por indolencia, gosto de ociosidade ou qualquer tendencia viciosa, negligenciarem a procura de meios de subsistencia serão coagidos a executar trabalhos uteis sob a vigilancia das auctoridades.

«O estado tem o direito e a obrigação de crear instituições, por meio das quaes consiga obstar á miseria de uns e á prodigalidade de outros.

«As auctoridades communaes são obrigadas a sustentar os habitantes pobres.»

E como estes, muitos artigos que recordam o texto da lei de Salento, por exemplo.

Com uma lei d'estas que admira que a Alemanha seja o paiz por excellencia do socialismo!

Quanto ao papel que n'elle desempenha, não só o clero catholico, mas o clero protestante, papel cada dia mais importante e mais vasto, estava-lhe naturalmente indicado pela propria essencia da religião que préga, porque ninguém poderá negar ao christianismo a gloria de ser elle a mais alta doutrina da solidariedade humana, aquella que mais forte e mais eloquentemente tem evangelisado a causa dos famintos e dos desgraçados, quaesquer que sejam as reservas que em parte possam fazer-lhe os sectarios e os proselytos de outras doutrinas religiosas ou sociaes.

Não confundamos sempre o christianismo-igreja, com o christianismo-doutrina, e nenhum espirito de boa fé deixará de ver n'elle o mais bello e o mais tocante exemplo da bondade e da dedicação humanas.

Nesta questão, por exemplo, o seu papel é dos mais sympathicos, e não foi sem fundamento que um membro do clero lutherano escreveu á frente do seu livro, *O socialismo radical allemão e a sociedade christã*, esta epigraphe que para aqui transcrevemos:

«O que quizer comprehender a questão social e contribuir para resolvê-la, deve ter á sua direita os livros de economia politica, á esquerda os do socialismo scientifico, e em frente as paginas abertas do Novo Testamento.» E depois acrescenta: «A economia politica desempenha o papel de anatomia,

faz conhecer a formação do corpo social. O socialismo é a pathologia que lhe descreve as doenças. O evangelho é a therapeutica que lhe aponta os remedios».

Sejam quaes forem as correntes doutrinarias que na hora presente dominem o mundo, não se poderá contestar quanto ha de verdade no fundo d'estas palavras, e a obrigação de todos que servem e amam a verdade é saudal-a onde quer que a encontrem.

Não será certamente o socialismo evangelico quem por si só encontre a solução de um problema que tantos atacam, e cuja incognita bastantes procuram achar; mas nenhum esforço é perdido, e quem trouxer uma pedrinha que seja para augmentar a solidez da construcção que se deseja edificar, é benemerito da humanidade e da civilisação.

E no proximo artigo veremos o que sobre o assumpto pensam os socialistas catholicos.

AFFONSO VARGAS.

Dizem que a morte nos não rouba a vida  
E que esta quando desfallece em dores,  
É para renascer bem mais florida...  
Mas quando a vida brota em brancas flores,  
Taes flores já não são a nossa vida.

Quando ellas rompem sobre a paz da morte  
Como um pharol que em sombras alvorece,  
Já não trazem consigo a nossa sorte!...  
Trazem amor? Nenhuma flor padece!  
Não soffrem já? São symbolos da morte!

ALBERTO BRAMÃO.

### UM EXCERPTO

#### PANEGYRICO DE MARIA ANTONIETTA

Ha agora dezeseis ou dezeseite annos que eu vi em Versailles a rainha de França, então simples esposa do delphim; e seguramente nunca brilhou n'este mundo, que ella parecia pisar altivamente, tão deliciosa visião.

Vi a justamente em pleno horizonte, decorando e ataviando a elevada esphera em que ella começava a mover-se como a fulgente luz da estrella da manhã, cheia de vida, cheia de esplendor, cheia de alegria...

Oh que revolução! E que coragem me é preciso ter para contemplar sem emoção tão grande fastigio e logo depois tão desastrosa queda!

Mal sonhava eu, vendo-a juntar titulos de veneração aos de um entusiastico e respeitoso amor, que ella seria para sempre obrigada a tragar um tão forte antidoto contra a desgraça comprimida no seu peito; mal sonhava que haveria de viver para ver taes desastres caírem sobre ella, isto n'uma nação cavalheiresca, n'uma nação de homens de honra e de gentis homens. Julgava eu, vendo-a então, que mil espadas n'um prompto saíriam das bainhas para vingal-a, se um simples olhar a ameaçasse com um insulto.

Mas a idade da cavallaria passou, e succedendo-

lhe a dos sophistas, a dos calculadores, a gloria da Europa extinguiu-se para sempre! Nunca mais, nunca mais, nós poderemos contemplar aquella generosa lealdade para com as classes e os sexos, aquella altiva submissão, aquella digna obediencia, aquella suavidade do coração, que conserva alerta, mesmo na escravidão, o espirito de uma exaltada liberdade. A impagavel graça da vida, a generosa defeza das nações, a manutenção dos sentimentos valerosos e das heroicas emprezas, foi-se!

Foi-se tambem aquella sensibilidade de principios, aquella castidade da honra, que sentia uma mancha como sentiria uma ferida, que inspirava coragem e mitigava a ferocidade, que ennobrecia tudo aquillo em que tocava, e sobre a qual o proprio vicio perdia metade do seu mal, perdendo toda a sua grosseria.

EDMUNDO BURKE<sup>1</sup>.

### RESPOSTA HEROICA

Quando o proconsul romano Decio Junio Bruto campeava na Lusitania, sujeitando-a quasi por completo, apenas uma cidde, Cinnania, se conservou firme; e mandando elle propor aos seus habitantes que se quizessem remir se a dinheiro os deixaria em paz, os lusitanos responderam: — que seus maiores lhes haviam deixado ferro com que defendessem a sua liberdade e não oiro com que a comprassem.

Está-nos uma voz a segredar, aqui ao lado, que se fosse agora, o tal proconsul talvez cá não encontrasse nem uma nem outra cousa: vimos a dizer, nem oiro nem ferro.

Mas nós não o assegurámos — por causa das duvidas...

### EXPEDIENTE

Por uma serie de circumstancias independentes da nossa vontade, e que entendemos ocioso enumerar, atrazou-se extraordinariamente a publicação da *Imprensa*. Resolvendo continuar a nossa modesta folha, daremos de ora ávante, emquanto não conseguirmos vencer o atrazo accusado, 16 paginas em cada numero quinzenal, correspondendo, portanto, a dois numeros. Protestámos empregar todas as diligencias, e os meios ao nosso alcance, para que a *Imprensa* continue merecendo o favor com que foi acolhida.

A REDACÇÃO.

<sup>1</sup> Este grande escriptor, orador e homem de estado, nasceu em Dublin em 1730 e morreu em 1797. Foi um dos accusadores de Warren Hastings, julgado por actos de oppressão e de injustiça, quando governador geral da India. As suas principaes obras são: *Reflexões sobre a revolução em França* e *Ensaio sobre o sublime e o bello*.